

Teatro e Ciências Sociais: o debate de opressões na prática interdisciplinar do PIBID – UFPel

Wesley Fróis Aragão¹

Fernanda Vieira Fernandes²

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) caracteriza-se por dividir-se em dois momentos. O primeiro é o disciplinar e refere-se, no caso deste texto, ao subprojeto do curso de Teatro – Licenciatura, composto por doze bolsistas, uma coordenadora e três supervisoras. O segundo, interdisciplinar, ocorre em escolas públicas de Pelotas/RS, com bolsistas de diversas áreas, em conjunto com um(a) coordenador(a) e supervisores(as). Nesse espaço, desenvolvemos atividades para os estudantes, sempre nos valendo das diversas áreas envolvidas no projeto.

Este trabalho abordará a atividade intitulada “Corrida Orientada”, uma das ações propostas para o ensino médio na Escola Técnica Estadual Sylvia Mello, localizada no bairro Fragata, Pelotas/RS. Mais especificamente, abordarei a forma como as licenciaturas em Teatro e Ciências Sociais se inter-relacionaram. Os objetivos são compreender melhor as especificidades da área de teatro, as dificuldades encontradas e as contribuições para a minha formação.

A “Corrida Orientada”

Esta ação desenvolveu-se a partir de proposta dos bolsistas da Geografia. Inicialmente os alunos receberam uma bússola e coordenadas para chegar a pontos da escola, ou a estações, onde propusemos oficinas, dividi-

¹ Licenciando em Teatro na UFPel; Bolsista PIBID no subprojeto Teatro da UFPel; e-mail: frois.aragao@gmail.com.

² Orientadora.

das por áreas, da seguinte maneira: Ciências Sociais com Teatro; Filosofia com História; Biologia com Química; e Letras com Matemática.

No decorrer da atividade os secundaristas eram avaliados, seja pelo tempo que levavam para realizar cada atividade, seja por proposta de avaliação de cada oficina das áreas, ou, também, por um vídeo que as suas equipes produziram ao chegar à escola no dia da corrida. Os grupos não seguiam uma divisão por turmas, mesclando em um mesmo time alunos dos primeiros, segundos e terceiros anos, aumentando o convívio entre eles.

As orientações sobre como manusear a bússola haviam sido dadas em horário regular de aulas e, portanto, ao iniciar a corrida, eles já sabiam como fazê-lo. Os pontos que os direcionavam a locais específicos da escola e as coordenadas (norte, sul, leste e oeste) também já haviam sido elucidados. Da mesma forma, os cálculos referentes às distâncias a serem percorridas (quantos passos equivaleriam a X metros, por exemplo).

Quando chegavam cada ponto encontravam trechos de frases ou as oficinas propriamente ditas. Os trechos serviam para que formassem frases usadas como passe de acesso às oficinas. As sentenças tinham relações com temáticas da atualidade, tais como: reforma do ensino médio, escola sem partido, entre outros.

Na oficina específica do Teatro e Ciências Sociais, sobre a qual detenho-me neste texto, os estudantes, ao ingressarem no espaço para a atividade, ficavam enfileirados para receberem as instruções, dadas pelos bolsistas dos cursos citados. A ação consistia em dez perguntas, feitas pelos orientadores do jogo, sobre violências diversas no ambiente escolar e fora dele. A cada pergunta, aqueles que se sentiam contemplados em relação ao tema davam um passo à frente. Quando se sentiam desfavorecidos davam um passo atrás e quando se sentiam neutros permaneciam no lugar.

Concomitantemente às perguntas, os bolsistas simulavam pequenas discussões entre si, proferindo frases de cunho preconceituoso como: “Você não sabe fazer nada, deixa que eu faço, só podia ser mulher e, ainda por cima, loira”. O objetivo era perceber que reações os alunos teriam. Várias frases de cunho racista, machista e homofóbico foram utilizadas.

Esta prática durante o jogo da corrida surgiu de uma proposta do Teatro do Oprimido, desenvolvido pelo teatrólogo Augusto Boal, o *teatro invisível*. Essa prática consiste no seguinte:

Uma cena do cotidiano é encenada e apresentada no local onde poderia ter acontecido, sem que se identifique como evento teatral. Desta forma, os espectadores são reais participantes, reagindo e opinando espontaneamente à discussão pela encenação (SANTOS, 2017).

Passado este momento dos passos para trás ou para frente, perguntamos quais tipos de violências eles notaram. Foram apontadas: violência escolar, machismo, homofobia, intolerância religiosa e racismo. Em seguida, com os ânimos entres os bolsistas supostamente alterados, lia-se o poema “Intertexto” do dramaturgo e encenador alemão Bertolt Brecht, que explana sobre a individualidade e a falta de empatia com o próximo:

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro

Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário

Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável

Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei

Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo (BRECHT, 2000).

Todos ouviram atentamente para que pudessem avançar para a outra oficina e ganhar a corrida. No entanto, mais uma vez questionamos se houvera algo desrespeitoso na nossa postura. A grande maioria reconheceu nas nossas ações o desrespeito, e então contestamos os motivos pelos quais muitos deles não interferiram e apenas observaram impassíveis enquanto as ofensas eram proferidas entre nós.

Nos valemos desse *teatro invisível* para que eles pudessem posicionar-se enquanto espectadores sem perceber essa convenção, já que a técnica “[...] mostra o escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos – torna consciente o que estava em nós impregnado. No tempo, surpreende o instante; no espaço, o invisível” (BOAL, 2009, p. 57). Instigando a posição deles acerca do que estava ocorrendo, esperávamos também torná-los *espect-atores* – termo utilizado por Boal por acreditar que “o espectador se libera: pensa e age por si mesmo” (BOAL, 1991, p. 181). Mesmo que não tivéssemos alertado que ocorreria uma simulação cênica, o(a) aluno(a) poderia intervir, como ocorreu em alguns casos.

Reflexões sobre a atividade

A oficina proporcionou diversos retornos dos secundaristas, tanto de suas reações ao jogo quanto, depois, quando escreveram sobre a vivência. Em certos momentos alguns deles interferiram sobre as ofensas que eram feitas entre os bolsistas, dizendo que não continuariam se a situação não mudasse. Entretanto, todos acabavam seguindo os comandos porque tinham como objetivo maior vencer o jogo. Eles perceberam que aquela situação era um simulacro da vida cotidiana, quando também não reagimos frente a casos de opressão ao outro.

Nossa prioridade foi proporcionar um momento de vivência reflexiva para os alunos, e em nenhum momento pensamos em quantificar pontuações e classificar em certo ou errado, como as outras oficinas fizeram. Nosso foco era que eles percebessem que podemos ser opressores e oprimidos em nosso cotidiano e como devemos nos posicionar frente a isso. O fator pontuação acabou se mostrando um complicador, porque foi exigido após a estruturação da oficina, e seria necessário reformular toda a ação para que conseguíssemos nos adentrar no padrão dos demais. Apontamos ao grupo interdisciplinar a especificidade das áreas em que atuamos. A quantificação anularia nossa proposta.

A troca que estabelecemos com os bolsistas das Ciências Sociais foi enriquecedora. Tivemos a oportunidade de compartilhar nossas formações, de forma a passar um pouco do que estudamos nos nossos cursos. Uma colega não identificada comentou: “Em relação à oficina, acredito que se não tivesse tido a participação de vocês [do Teatro] teria sido apenas mais uma estação, falar de *bullying* e opressão qualquer um fala, a mídia bate nisso toda hora, mas enxergar e acima de tudo intervir no ambiente escolar é diferente”.

Este relato no faz perceber o quanto o teatro é capaz de atravessar no campo do sensível, conscientizando para questões sociais:

Teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; é ao espectador que cabe modificá-la (BOAL, 1998, p. 22).

Com essa experiência, percebi o quanto o diálogo entre áreas é importante para a minha formação e para a dos secundaristas, que conseguem ver as disciplinas interligadas, dialogando. Foi importante também para que o Teatro se firmasse enquanto área de conhecimento naquele espaço interdisciplinar. Infelizmente, em geral, nossa área é tomada apenas como

entretenimento, desvalorizando suas especificidades e sua ciência. Através de ações como a oficina que propomos, o teatro pode se consolidar, apresentando seus jogos, suas metodologias e suas possibilidades de refletir sobre o mundo.

Referências

- BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. Trad. Paulo César de Souza. 5. ed. São Paulo: 34, 2000.
- SANTOS, Bárbara. Disponível em: <<http://ctorio.org.br/sitio/index.php/metodo>>. Acesso em: 07 nov. 2017.